

Release do livro

Percursos filológicos: nas trilhas das línguas românicas, mais que representar um livro “confessadamente didático” (como sugere a autora já no início da caminhada), expressa o restabelecimento de um diálogo profícuo entre dois tipos de saber – o filológico e o lingüístico – o que pode ser apreciado ao longo de dez temas distribuídos em três partes. Trata-se de um convite para breves caminhadas de leitura, configuradas em verdadeiros exercícios de reflexão que se iniciam pelas camadas fonéticas e fonológicas de um sistema linguístico, passando pelo nível lexical, que tangencia o estrutural e o semântico, até chegar ao nível discursivo, instância que faz da língua um contrato social.

A primeira parte marca a importância da revitalização do interesse pela dimensão histórica dos estudos linguísticos, a qual foi relegada a um segundo plano durante muitos anos em decorrência da rigidez com que se adotou a abordagem sincrônica (e/ou acrônica) na Linguística Moderna. Para usufruir o prazer da caminhada, que envolve quatro percursos nessa parte, uma parada obrigatória concerne às “rotas de uma estratégia de conquista: um possível plano espiral” traçado pelos romanos no processo de expansão de seu império. Trata-se de uma hipótese que surgiu durante aulas ministradas no curso de Filologia Românica na Universidade de Brasília, voltadas para a expansão histórica e geográfica do Império Romano.

Com o escopo de defender e ilustrar, sobretudo, os procedimentos histórico-metodológicos contemporâneos nos estudos da linguagem, a segunda parte do livro – do filológico ao discursivo – oferece uma reflexão acurada que vai de uma discussão geral do acento latino ao acento nas línguas românicas, chegando a algumas considerações específicas acerca da língua portuguesa. Nessa parte, dois temas antigos merecem atenção especial pela maneira atualizada com que são tratados: as mudanças com repercussão no sistema fonológico e a questão do iode como variante que precede a palatalização.

A terceira parte do livro estabelece um paralelo, ainda que sucinto, entre as línguas românicas de centro (francês e italiano) e as línguas românicas de periferia, onde se entrecruzam o português e o espanhol, de um lado, e o romeno, de outro. Embora suscite uma discussão teórica voltada para fatores externos responsáveis por processos de mudanças linguísticas, as seções que integram essa parte buscam mostrar empiricamente tais processos mediante uma reflexão sobre semelhanças e diferenças, do latim às línguas românicas, o que nos permite, ao final do percurso, pelo menos em nível de leitura e reflexão, chegar às veredas do tempo. Ao final e ao cabo, resta uma questão para o leitor: são as línguas que fazem os povos, ou são os povos que fazem as línguas? A resposta a essa questão implica, certamente, o desafio de assumir o papel de um verdadeiro “amigo da palavra”.